

# COMUNICAÇÃO E INTERESSE PÚBLICO

En  
v. tr  
is a

**Armand Mattelart, profundo conhecedor da relação comunicação, poder e sociedade civil, destaca a importância do interesse público na gestão da comunicação**

*Armand Mattelart é comunicólogo, professor da Universidade Paris 8, autor de inúmeros livros sobre Comunicação. Trabalhou durante mais de dez anos (décadas de 60/70) no Chile, atuando na área de comunicação e no governo popular de Salvador Allende. Com o golpe militar no Chile, deixou a América Latina. Voltou a lecionar e a pesquisar na França, muito embora tenha continuado a participar de eventos e a estudar a realidade comunicacional latino-americana. A partir de reflexões sobre o Brasil, Armand Mattelart escreveu Carnaval das imagens. Também tem publicado em português os livros: A cultura contra a democracia? O audiovisual na era tecnológica ou transnacional; Comunicação-mundo; História das Teorias de Comunicação; A invenção da Comunicação. Atualmente ele orienta pesquisas na área de mídias e estratégias de produção. Esteve no Brasil para o XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, realizado em 1997, onde concedeu esta entrevista a **Comunicação & Educação**.*

Por Roseli Fígaro e  
Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

**Revista Comunicação & Educação:**  
*Você teve um papel muito importante no governo popular de Salvador Allende, no início*

*da década de 70. E no governo de Mitterrand, como foi sua experiência?*

**Armand Mattelart:** Creio que os dois primeiros anos do governo de Mitterrand, na França, foram anos nos quais, novamente, todas as esperanças eram permitidas, eram autorizadas. Nesse período, o governo me encarregou de duas missões. A primeira foi fazer uma avaliação de todas as problemáticas de comunicação e o estado da pesquisa em comunicação, relativamente ao problema da democratização da tecnologia. Como você sabe, antes se falava na informatização da sociedade, no governo Mitterrand se lançou o slogan: *Democratizar a informática*. Recebi do presidente o encargo de fazer uma avaliação dos recursos para que se pudesse redefinir, com segurança, a relação entre a sociedade, a ciência e a tecnologia. Este foi um período muito importante na França, de mobilização de cientistas, de intelectuais em torno da questão da vinculação entre sociedade e ciência, sob o lema da necessidade de uma apropriação da técnica pela sociedade e de um projeto de democracia na idade tecnológica.

Isso atravessou o ano de 1982 e resultou num relatório que foi apresentado em uma coletiva de imprensa, com a presença de três ministros: o da Indústria, o da Cultura e o da Comunicação. O relatório trazia propostas para reestruturar o ensino universitário de Comunicação, as pesquisas etc. O Estado tem muito

poder na França. Todas as universidades francesas, exceto algumas católicas, dependem do Ministério da Educação, seguem-no muito de perto. É como no Brasil, aqui o setor público tem muita força. Bom, coletiva de imprensa, três ministros e, uma semana depois, eu estava sozinho.

---

**Tudo não passou de efeito para anúncio. Mudou o governo e, dois anos depois, suprimiram inclusive algumas organizações que tinham sido criadas. Eram organizações de avaliação dos usos sociais das técnicas nos diversos setores da sociedade. Por fim, adotaram o que chamo de lógica da oferta, isto é, deixaram as lógicas de mercado atuarem.**

---

Para mim, isso foi um choque brutal. Deram-me, quase na mesma época, outra missão. Aceitei porque era uma missão transnacional. Era um trabalho sobre o que chamamos o espaço audiovisual latino. Cumpri essa missão em 1983. É importante o mecanismo chamado *missão* nas políticas públicas francesas. Cumpre-se uma *missão* não de forma isolada, mas interrogando, no que concerne ao assunto, um conjunto de pessoas, tanto no setor privado como no público. O ministro da Cultura, Jack Lang, nos *passou* o pedido de García Marquez, o romancista colombiano. Ele nos pediu que direcionássemos a *missão* para criar ou imaginar um espaço audiovisual latino, juntando todos os países de línguas latinas. Formou-se um comitê verdadeiramente multinacional. Pelo Brasil estava a irmã de Miguel Arraes, Violeta Arraes. Havia um historiador do cinema que está em Paris, na Rádio França Internacional, que se chama Paulo Paranaguá. Havia muitos países latinos ali representados: Argentina, Espanha, Itália, Portugal. Propusemos formas que favorecessem, através do serviço público, das universidades, do setor comercial, um intercâmbio mais forte, de tal maneira que se

pudesse lutar contra as lógicas globais mercantis que, afinal, diminuíam a importância da representação de certos setores nas telas. E aconteceu tudo de novo. Tivemos coletiva de imprensa, receberam o informe e o engavetaram...

Foi a segunda experiência, e muito parecida com aquela vivida por Michel de Certeau, em 1982. Quando me pediram que dirigisse a missão sobre a avaliação de pesquisa, pediram também a Michel de Certeau um informe sobre a ordem comunicacional e as redes. Ele enfocou o assunto não a partir das redes técnicas, mas sim das redes sociais. Isso sim é interessante, porque se poderiam descobrir coisas novas. É aqui que se vê a influência do Brasil sobre Certeau. Ele retomou todo um conceito de cultura popular, de redes populares, de solidariedade, coisas assim, e fez um informe que não está publicado e que, de fato, é pouco conhecido. Saiu mimeografado. Ele trata o problema das redes populares como maneira de refletir também sobre a evolução da comunicação. O meu trabalho era mais em nível técnico, tecnológico. Levava em conta as esferas sociais, mas de maneira minoritária. Os dois informes deveriam constituir um conjunto, articular-se. Vi Certeau em 1984, ou 1986, falamos disso e ele me disse que estava muito decepcionado. Havíamos colaborado durante a *missão* e, do meu informe, afinal, não tive nem um recibo. Estas são as contradições do socialismo, isto é, dos socialistas.

## **PESQUISA E REFLEXÃO SOBRE A COMUNICAÇÃO**

**RCE:** *Você passou por uma mudança, pode-se falar até de uma maturação, em relação à estruturação do pensamento sobre a Comunicação. Essa mudança marca uma ruptura com o que foi trabalhado nos anos 70?*

**Mattelart:** Sim. Penso que é uma questão de maturação. Essa maturação começa em 1978, 1979. A primeira experiência talvez seja um relatório, que foi muito mal traduzido para

o castelhano por uma editora de Barcelona, e no qual a filosofia da pesquisa assume algumas posições que voltarão a aparecer, depois, em *Pensar sobre los medios*<sup>1</sup> e em outros livros meus. Creio que neste caso, como se trata de um livro escrito por duas pessoas, existem trajetórias distintas. É importante a convergência das duas trajetórias, costumamos esquecer isso. Michèle tem o seu próprio percurso através também da problemática feminina. Aqui aparece sua confrontação crítica com a corrente de estudos que se chama *Woman's studies*, nos Estados Unidos, e que na França tem outro nome. Seus pensamentos vão através de uma reflexão sobre mulher e cultura, mulher e mídia, mulher e sociedade. É um caminho que vem através de questões sobre os pressupostos da economia política. Esses pressupostos parecem ter sido abandonados progressivamente, voltando-se cada vez mais para uma economia burguesa. Existe, no entanto, um livro fundamental na transição, tanto de Michèle como na minha, um livro que foi publicado aqui no Brasil e que é muito pouco mencionado: *A cultura contra a democracia? O audiovisual na era tecnológica ou transnacional*<sup>2</sup>.

Esse livro é o informe que fizemos para Jack Lang sobre o espaço audiovisual latino. E onde apresentamos outra visão sobre o espaço internacional, não falamos em globalização e coisas assim, mostramos como o paradigma do imperialismo cultural, que corresponde ao momento histórico, não permite dar conta de toda a Revolução. Para mim, é muito difícil dizer: *esse livro é fruto de tal e tal coisa*. Creio que *Pensar sobre los medios* brotou como necessidade de expressar uma mudança que tínhamos visto ama-

duerem em nós, mas que não tínhamos formalizado. Já esse livro é o resultado de uma maturação. Não é que nós sentamos à mesa e nos dissemos que íamos escrever algo sobre as mudanças de paradigma, mas sim que, num dado momento, sentimos necessidade de exprimir a nossa visão da mudança. Evidentemente, estávamos nos apoiando sobre novas correntes que começavam a germinar. Mas é evidente que há ruptura, tal como quando dissemos em *História das Teorias de Comunicação*<sup>3</sup>: "a História da Teoria da Comunicação é uma questão de circularidade, uma questão de fluxo e refluxo". Como exemplo veja em que a Escola de Chicago<sup>4</sup> se transformou. Inclusive, hoje em dia sou obrigado a recorrer aos conceitos de *out side* da Escola de Chicago para me expressar.

Digamos que se trata de um momento de cristalização. Creio que esse momento se dá não apenas em *Pensar sobre los medios*, mas também a partir de um livro que está publicado em português, *Carnaval das imagens*<sup>5</sup>. Para



Armand Mattelart defende a democratização dos meios de comunicação.

1. Livro de Armand e Michèle Mattelart, publicado no original francês pela La Recouverte, em 1986; traduzido para o espanhol e publicado pela Fundesco, em 1987. (N.Ed.)

2. Publicado pela editora Brasiliense, em 1987. (N.Ed.)

3. Livro de Michèle e Armand Mattelart, publicado pela Loyola, São Paulo, 1999. (N. Ed.)

4. Escola de Chicago: ficou assim conhecida a corrente sociológica sediada pela Universidade de Chicago e que tinha como um de seus principais representantes Robert Ezra Park. (N.Ed.)

5. Livro publicado pela editora Brasiliense, em 1989. (N.Ed.)

nós, o Brasil não foi uma oportunidade para nos apoderarmos de uma experiência, mas sim uma maneira de refletir a partir de uma experiência, que é só brasileira, sobre fenômenos que não se interpelam. Nesse sentido, quando se olha *Pensar sobre los medios* e o quadro teórico de *Carnaval das imagens*, nota-se uma continuidade, um prolongamento. Parece-me que o Brasil nos interpela, nos interroga para irmos além, sobre a análise da evolução dos sistemas de comunicação eletrônica.

Para nós, o contato com a realidade brasileira – que intuíamos, naturalmente, a partir de nossas leituras e de observações de companheiros – era importante. Antes, tinha feito um estudo sobre o Brasil que não foi publicado aqui. Foi quando fizemos o relatório que se chama: *América Latina em la encrucijada telemática*<sup>6</sup>.

---

**Durante dois meses estive aqui, entrevistando todo o primeiro escalão dos que trabalhavam no campo da informática. Está publicado na Argentina pela Paidós. Há todo um capítulo sobre o Brasil. Não cai no Brasil de pára-quedista. Sabia que o Brasil já me havia fascinado. Creio que neste sentido McLuhan tem razão. Creio que o Brasil, no mundo e na evolução das tecnologias, é um país tecnológico por excelência, na captação, pelos sentidos, da tecnologia. Não sei se isto está claro para vocês, mas é fundamental.**

---

**RCE:** *Fale sobre sua concepção do campo científico da comunicação: a questão da produção, história, idéias e estratégias.*

**Mattelart:** Uma das maiores preocupações que tive, a partir dos anos 80, retiradas destas iniciativas que não chegaram a dar resultados, como as propostas pelo governo francês, foi fi-

nalmente pensar mais no problema do ensino. Esta foi uma primeira preocupação. Pensar, digamos, uma maneira de ensinar que permita que o pensador não se deixe levar pelas lógicas gerenciais e tecnicistas. Nesse sentido, temos pensado muito nos textos. O livro *História das Teorias da Comunicação* foi pensado numa relação com meus alunos. Pretendia chegar a suprimir o desconhecimento real que existe, tanto na cabeça dos investigadores como na dos estudantes, frente a este campo. A produção deste texto foi uma preocupação pedagógica. Há outro texto que se chama *Comunicação-mundo*<sup>7</sup>, e que é, também, um texto para estudantes. Parece-me importante a preocupação pedagógica. Creio que existe uma crise profunda na definição do campo, como campo de ensino. Creio que estamos presos em lógicas tecnicistas e gerenciais muito perigosas. Penso, também, que o campo da investigação crítica é, em todo o mundo, pequeno, e está em vias de redução. Não tem jeito, ou porque as pessoas precisam viver ou por desencanto, digamos, ou por adesão a outro modelo de sociedade. Acho que isso é um fato. Daí, partindo desse fato, creio que temos um trabalho maior, de repensar o ensino. Existem cursos que surgiram na França e que não são chamados de mestrado ou licenciatura, mas sim de Engenharia da Comunicação. E com subtítulo, Multimídia, por exemplo. Engenharia?! Isso configura um novo programa! É nessa adaptação que estou pensando.

A segunda parte da pergunta diz respeito à minha inserção no campo da História. Isso seria o que chamo de maior rapidez da rotação das Ciências da Informação e da Comunicação, que estão cada vez mais presas pela situação atual. Penso que uma maneira de enraizar esse campo seria o que enfoca a Antropologia, considerando-se a Antropologia como uma reflexão sobre a História (isso é fundamental),

6. Livro de Mattelart e H. Schmucler, publicado pela Editorial Paidós, em 1983. (N.Ed.)

7. MATTELART, A. *Comunicação-mundo: histórias das idéias e das estratégias*. 2. ed. São Paulo: Vozes. 1996. (N.Ed.)

mas que não abarque unicamente a Etnografia para se converter em Etnologia.

Creio que é fundamental a redefinição do campo da Comunicação, por meio dessas duas disciplinas, História e Antropologia. Podem existir outras, Economia Política, por exemplo... Mas para mim é isso. A História me parece fundamental, porque estamos presos por estas lógicas do atual, e é preciso voltar a encontrar, finalmente, os fundamentos da famosa *ideologia da Comunicação*, que trabalha as nossas sociedades como *ideologia da transparência*. Uma *ideologia da transparência* que caminha lado a lado com a perda da reflexão sobre a interioridade dos indivíduos. É dessa maneira que estou trabalhando hoje, por isso me preocupei em escrever *A invenção da Comunicação*<sup>8</sup>. Este é um livro dedicado à formação dos dispositivos e das representações centradas ao redor da palavra comunicação, que se coloca no mesmo patamar de preocupação que tem a *Comunicação-mundo*, predominantemente uma História Contemporânea. Meu trabalho principal é reconstruir o que chamo *os imaginários da comunidade universal*. O fato de encontrarmos novamente, nos discursos de Gore, de Clinton, inclusive em alguns de Gates, frases como *a grande família humana* nos interpelam, e permitem supor que eles estão assumindo o papel de responsáveis por um processo histórico, mas que nasceu muito antes, inclusive, das técnicas. É o problema da unidade do mundo, da união do mundo. Esse é um projeto velho, um projeto que começa, dizem alguns, na Idade Média – embora isso me pareça totalmente falso, porque o mundo nasceu com os Descobrimentos, e não se pode falar de mundo, de globo, antes dos Descobrimentos. Mas isso, os imaginários globais, como se diz hoje em dia, é uma coisa muito complexa, não é unilinear. Na história

da formação do imaginário da comunidade universal participaram setores, doutrinas, práticas muito variadas. É isso que estou tentando recompor, isso me toma tempo, porque é mais complexo que o tema da invenção.

**RCE:** *O compromisso político que marcou o início de sua trajetória é bastante conhecido. Como você vê, hoje, sua relação com a política, na lógica deste tempo de mercado?*

**Mattelart:** Bom, primeiro, repúdio a tarefa de ser o defensor unicamente do campo acadêmico. Não quero terminar minha vida tendo começado por questionar os modelos de sociedade, para terminar defendendo um campo acadêmico. É por isso que sou um *out-sider*, um franco atirador. Estou inserido numa realidade que é, por alguns anos ainda, a de ser o professor de estudantes de Licenciatura, Mestrado e Doutorado. Estou me confrontando diariamente com uma grande confusão que está na cabeça dos estudantes.

Meu primeiro compromisso político é o compromisso cotidiano de repensar o ensino que faço, em função da angústia que vejo crescer



Mattelart: "Não quero terminar minha vida tendo começado por questionar os modelos de sociedade, para terminar defendendo um campo acadêmico".

8. Editado em português de Portugal pelo Instituto Piaget, Lisboa, em 1996. (N.Ed.)

naqueles que são o meu público mais direto. Esta é uma primeira coisa, e que me parece fundamental. Creio cada vez menos nos grandes planos estatais. Creio nos planos do Estado se houver pressão da sociedade civil. Esse é o segundo aspecto do meu compromisso, tratar de acompanhar, através do conhecimento que tenho sobre a formação dos sistemas, sobre os sistemas tecnológicos, todas as reivindicações que levem a repensar e a modificar a relação entre democracia e técnica.

Trabalho com grupos que procuram opor-se à entrada ou ao fortalecimento das políticas mercantis, das lógicas mercantis nas políticas tecnológicas da União Européia, por exemplo. Estou relacionado com deputados do Parlamento Europeu, digamos que faço uma espécie de assessoria informal. Sou convidado por eles muitas vezes, por causa de meus livros. Escrevo livros para ajudar os estudantes, mas também para ajudar a compreensão dos processos. Meu compromisso político é esse. Vocês sabem que hoje a recomposição política busca a formação de grupos como existiram no século XIX, e que eram como clubes. Pertencço, por exemplo, a um clube que se chama, muito significativamente, *Club Merleau-Ponty*. Ele foi justamente um dos inspiradores destes novos paradigmas. Estamos buscando intervir sobre o que chamamos os mitos das sociedades neoliberais.

---

**Deve sair, em breve, um livro onde procuramos retomar todos os mitos que circulam e que fazem funcionar os meios de comunicação e, por extensão, a sociedade. Partimos do fato de que existe um pensamento único sobre o modelo econômico possível, chegando até o fato de que a cultura vai ser necessariamente global, mundial. Procuramos analisar pedagogicamente esse fato para ajudar a criar um debate mais amplo.**

---

**RCE:** *Isso é parte de uma publicação do clube?*

**Mattelart:** Não, isso é um livro que vai ser publicado pela Decouvèrte. O título prévio é *Contra o pensamento*. Participam dele tanto economistas como especialistas em comunicação, antropólogos, historiadores da ciência etc. Esta vai ser uma real tentativa de pensar a sociedade de uma outra maneira. Mas ainda estamos nos cueiros.

## ESCOLA E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

**RCE:** *A educação para os meios é um assunto importante para nós, os latino-americanos. Que pensa você sobre isso? Podemos falar de um campo próprio de comunicação e educação?*

**Mattelart:** Creio que na América Latina, e numa perspectiva de nível mundial, criou-se uma tradição nesse tipo de estudos, mas esse campo está muito mais desenvolvido na América Latina que na Europa, por exemplo. Não sou um especialista desse campo, mas trabalho com os meios como modo de formação nas escolas.

**RCE:** *Segundo seu ponto de vista, qual é o papel do professor, hoje, diante das novas linguagens e sensibilidades desenvolvidas pelas crianças, em suas relações com os meios de comunicação?*

**Mattelart:** Creio que muitas sociedades resistem a isso, por diversas razões. Às vezes, por razões corporativas. É verdade que, em certos países, os professores resistem a introduzir uma iniciação no campo da comunicação cotidiana, seja rádio, televisão, inclusive os meios informáticos. Creio que o ideal seria que se introduzissem estes elementos nos currículos normais das escolas. Acho essa questão fundamental, mas não sei se isso é praticado no Brasil. Deveria ser uma matéria obrigatória, mas é difi-

cílimo porque, em muitos países, há resistência do corpo educacional. Na França, o máximo que se conseguiu introduzir foram cursos de cinema, *Iniciação ao Cinema*, e isso porque se está encarecendo a tradição dos cineastas como um todo, num campo quase literário. Seria como uma sequência da tradição da semiologia do cinema. Existem experiências, na França, sobre a educação através dos meios de comunicação. O Ministério criou, inclusive, um Centro. Mas não se pode dizer que seja um movimento massivo, mas me parece que deveria ser. Nós procuramos ver em que medida se poderia imaginar uma nova função na escola, que poderia ser preenchida pelos estudantes que vêm de comunicação, mas houve uma resistência feroz por parte dos cursos já estabelecidos no ensino. Existe uma tensão, um conflito entre a introdução de uma novidade desse tipo e o corpo existente. A única coisa que se propõe, muitas vezes, é educar, dar formação a pessoas que já estão dentro do corpo educativo. Não acredito, porém, que seja essa a solução.

---

**É preciso que se imagine uma função, um lugar na escola, para pessoas que realmente ensinem no campo da comunicação/educação. Seria uma matéria que poderia abarcar tanto os problemas da semiologia da leitura, como a análise do contexto em que esses meios se dão, mostrando a diferença, inclusive de recepção, e também a questão da estrutura em que estamos inseridos: de onde vêm as mensagens internacionais, oferta de programas, o que é uma programação etc.**

---

Creio que é muito difícil introduzir essa matéria, porque seria introduzir algo subversivo na escola. No entanto, isso é fundamental. É a única maneira de recuperar o desequilíbrio existente hoje entre escola e meios de comu-

nicação, principalmente para as crianças das camadas populares, que não têm a compensação representada pela presença de pais que exerçam um certo controle sobre o uso da televisão na família.

**RCE:** *Frente ao monopólio dos meios pelas empresas privadas e à crescente fusão e concentração das empresas de comunicação, como garantir a expressão das diferentes culturas e o pluralismo dos pontos de vista?*

**Mattelart:** Essa resposta é muito difícil. Poderia dizer que é preciso preservar lugares onde o interesse público e o interesse coletivo possam desenvolver-se. E a verdade é que, cada vez mais, se reduzem esses espaços, eis o problema... É muito difícil... Creio que, nesse sentido, as universidades desempenham um papel importantíssimo. Creio que é preciso lutar pela extensão da missão das universidades e das fundações nesse trabalho. Isso não virá do setor privado. Pode até vir, mas não creio. Essa é uma questão séria. O problema é, realmente, o fato de que o interesse público retrocedeu diante da mentalidade mercantil.

**RCE:** *E como você vê a escola nesse contexto de perda de espaço público, nesta confrontação entre o público e o privado? Como e de que maneira a escola pode envolver-se neste problema?*

**Mattelart:** Depende das realidades, mas penso (e isso me inquieta) que muitas escolas de Comunicação em todo o mundo adotam uma concepção que se coaduna com as lógicas técnicas, tecnicistas e com as que chamo de *gerenciais*, como disse quando falei da administração do sistema. Penso que existem dois pontos: primeiro esse tipo de tendências, inclusive nas *melhores escolas*, como se diz, que seriam as melhores no sentido de que são as mais clássicas, têm os departamentos mais clássicos. No entanto, ao lado destas, estão se

formando, cada vez mais, escolas que ensinam Comunicação e cujo currículo é uma aberração. E acho que na América Latina, como dizia um amigo meu mexicano, nota-se esse fenômeno, que me parece real. Acho que existe uma proliferação de escolas, com currículos que não têm nada a ver com uma comunicação de interesse público.

Às vezes inquieto-me, inclusive, com o próprio destino do campo da Ciência da Comunicação e da Informação, no sentido de que a noção de comunicação, dada a diversificação do campo de trabalho, não siga, progressivamente, em direção ao *status* de uma disciplina com orientação exclusivamente profissional. Não tenho nada contra o profissional, mas acho que é necessário refletir sobre a noção de profissionalidade, fora dos esquemas de dar receitas aos estudantes. E que a chegada das novas tecnologias de comunicação apresenta um problema real.

---

**Estamos vivendo um momento no qual a aspiração de muitos estudantes é ter contato com máquinas, manejá-las; e essa é uma aspiração totalmente legítima. O problema está em que é difícil limitar-se a isso. É preciso pensar na introdução e manejo das técnicas dentro do que se poderia chamar uma ecologia muito mais óbvia, dentro de uma Filosofia da Comunicação. Porém, a solução mais fácil é fazer oficinas técnicas, não?**

---

Existem ainda outros fatores que dependem das realidades de cada país, por isso a resposta é difícil. Existem países onde a idéia de serviço público ainda tem muita importância, mas acredito que existe um problema fundamental, que é a evolução do professorado e dos universitários no mundo de hoje. A idéia de serviço público e de interesse público está em baixa em

muitas profissões. Digamos que em todas as profissões relacionadas com o social: médicos, enfermeiros. A idéia de serviço público está em crise. Estamos presos, também, nas lógicas pragmáticas, nas lógicas mercantis. É um problema de dinheiro. Muitos professores importantes, que deram seus conhecimentos ao serviço público, passaram a universidades particulares ganhando, no mínimo, o dobro ou o triplo do que ganhavam antes. Não sei se isso ocorre no Brasil, mas vem ocorrendo em muitos países, com a criação de novas universidades particulares e mais ricas.

Nenhuma universidade nova, criada recentemente, inclui a idéia de serviço público. Tem sim uma conexão muito forte com a instituição que a financia. Isto é, os valores empresariais etc. Creio que isto é uma realidade. Nos países europeus há, ainda, uma grande massa de universidades públicas. Elas também, no entanto, estão trabalhadas por essas lógicas. E é preciso acrescentar que, muitas vezes, os professores não podem viver do seu salário nas universidades e passam a acumular vários trabalhos. São problemas reais, tensões entre o público e o privado. O que me surpreende, na maioria dos países onde vou, é que esse problema não seja encarado com seriedade. Porque, para mim, isso faz parte das condições de produção, tanto do ensino como do conhecimento, e dos usos do conhecimento. Não se pode, digamos, *passar batido*, como se a sociedade fosse angélica. Essas são condições reais do funcionamento da sociedade. E muito pouquíssimas pessoas se atrevem a colocar esse problema como uma questão epistemológica.

## ESPAÇO PÚBLICO E TELEVISÃO

**RCE:** *Tenho ouvido nos últimos tempos algumas reflexões sobre o espaço público, reconfigurado na relação com os meios de comunicação. Uma concepção de espaço público,*



*não mais como espaço concreto da manifestação, da participação, da praça, da atividade pública enquanto realização do ser político, mas como relação com os meios de comunicação. Você tem ouvido alguma reflexão a respeito?*

**Mattelart:** Não, não tenho sabido sobre isso. Ao contrário, hoje o que mais vejo emergir é uma interrogação sobre a relação com a televisão. Penso que, pelo menos nos lugares onde vivo, existe uma insatisfação frente à televisão. Não vejo essa versão da reformulação do espaço público a partir dos meios. E é preciso que se diga: as pessoas têm tantos problemas, em tantas partes, que a prática diária da sua sobrevivência definitivamente se adianta ao problema da televisão. Creio que essa era uma maneira de apresentar a televisão antes, mas agora as coisas mudaram.

**RCE:** *O que você acha da seguinte afirmação: “os meios educam”?*

**Mattelart:** Sim, mas que meios? Existem tantos meios, uns de caráter público, outros de caráter privado, existe o rádio, a televisão, os jornais. É muito difícil dar essa resposta. Essa é uma frase muito ampla, é um *slogan*: os meios educam! É verdade que, para muitas pessoas que têm pouco acesso a fontes de conhecimento, os meios podem educar, mas o problema é que cada vez menos existem programas que permitem às pessoas, por exemplo, informar-se, ou conhecer coisas, países, realidades. A pergunta que poderia ser feita é a seguinte: qual é o estatuto dos documentos, dos filmes documentais em cada programação? O estatuto dos debates sobre um determinado tema, qual é? Através disso as pessoas se educam. Se tomamos a palavra *educar* de maneira geral, o que não é a minha concepção, pode-se dizer que as pessoas se educam, por exemplo, entrando nesse jogo. Mas não penso assim. Não creio que isso seja educação, isso é falso.

---

**Para mim, a tarefa educativa da televisão se cumpriria se ela reservasse espaço em sua programação, sacrificasse a lógica de audiência máxima, para poder, progressivamente, introduzir programas mais importantes. Não propriamente programas educativos, mas sim os que permitem que o público tenha acesso às fontes de conhecimento, sobre saúde, por exemplo. A televisão privada subestima – e, agora, também o serviço público – o que as pessoas podem ver. Pensam que só se podem ver coisas de entretenimento.**

---

As pessoas têm necessidades e demandas que se podem descobrir. Precisam de fontes de conhecimento, às vezes para sua própria prática diária, isso no campo da saúde, da educação das crianças etc. Tudo isso não está sendo levado em conta pela televisão e só às vezes pelo rádio. Mas não falo aqui nem do rádio nem da televisão educativas, falo das televisões que se dirigem ao grande público. O problema está na subestimação das pessoas e de suas necessidades de informação. Mas isso implica uma mudança drástica na sociedade, porque não é tão evidente; não é a mentalidade que está reinando na condução dos meios. Talvez nos jornais se possa ter certos suplementos preocupados com esta questão, mas a imprensa escrita tem outro regime. Acho que muitas vezes e em alguns países o rádio cumpre melhor essa obrigação que a televisão.

**RCE:** *Grandes jornais brasileiros, de grandes empresas, têm programas educativos nas escolas. Eles propõem o trabalho pedagógico a partir do jornal, usando-o, também, como material didático.*

**Mattelart:** Bem, aqui se apresenta um problema real. Porque isso deve ser assumido por uma instituição de interesse público. Não se pode permitir isso a partir do interesse pri-

vado, isso é impossível. É importante dissociar o interesse público do interesse da empresa. Uma escola é um lugar público, e é evidente que é melhor que haja o que chamo de *uma mediação*, que é a mediação do público. Senão, de todo modo, ocorre a tentação de privatizar o ensino (porque isso também é um modo de privatização). Rejeito isso, parece-me que é um ataque à idéia do interesse público. Creio que isso mina a idéia do interesse público. Esses são encargos, são responsabilidades que devem ser assumidas pelo serviço público, tanto a Universidade, como os Ministérios de Educação ou de Cultura, como quer que se chamem. Essa me parece a privatização mais perigosa. São formas de privatização, são a entrada de produtos privados, de contrabando. E, progressivamente, o que a gente vê é a sua entrada de maneira subterrânea e, quando acaba, aconteceu o que não se havia desejado. Agora, isto implica de novo uma reflexão sobre a missão da educação. É por isso que não se pode colocar esse problema sem fazer uma reflexão sobre o papel do Estado e da sociedade civil a partir das pessoas que pensam os meios, por exemplo, os pesquisadores, os educadores, a Igreja, tantos intermediários. Creio que estes são problemas reais e que devemos assumi-los, porque as formas de privatização, as formas de introdução do interesse privado, comercial, mercantil no público são, muitas vezes, sutis. E existe luta. Evidentemente, podem me dizer: sim, mas os únicos que podem financiar este tipo de experiência são os que têm dinheiro, isto é, os proprietários dos jornais. No entanto, creio que existem maneiras, também, de reformular a missão da educação no sistema educativo em função de uma resposta à interrogação que foi apresentada.

Isso me leva a dizer que uma das funções para as quais a escola deveria formar os estudantes é, em definitivo, para o que chamaria de trabalho de *mediador*, isso é fundamen-

tal em muitos campos, como já disse. Precisamos disso, porque pensamos demais na comunicação em função do mercado. Existe um conjunto de nichos, de lugares onde é preciso suscitar essa função de mediador.

Estou seguro de que existem muitas realidades sociais que necessitam de mediadores ou de comunicadores, mas um comunicador que tenha consciência do seu papel, tenha consciência do interesse público. Digo sempre aos meus alunos: o campo da comunicação tem-se diversificado muito em termos de mercado. Agora, seria necessário diversificá-lo a partir de uma lógica pública. Devem-se imaginar funções de comunicação que sejam essenciais para a sociedade e que sejam pagas, porque isso é uma profissão. Porém, isso implica uma tal reflexão por parte dos trabalhadores em comunicação, sobre sua relação com os organismos estatais e a sociedade civil, que me parece, realmente, um trabalho titânico, que vai levar anos para se cumprir.

O problema da crise do serviço público é, também, a crise do ideal público. Basta olhar a evolução da medicina, da maneira como é praticada em todos os países. Os que dividem o seu tempo entre o hospital público e seu consultório particular sabem que, no hospital público, ganham um décimo do que poderiam ganhar. Esses são problemas reais e se apresentam em todos os níveis da sociedade, embora em modalidades distintas, segundo as sociedades.

## CIDADANIA VERSUS LÓGICA MERCANTIL

**RCE:** *Reafirmando essa questão, é urgente pensar o campo comunicação/educação, você não acha?*

**Mattelart:** Sim, mas isso implica sacrificar um certo tipo de competição entre as escolas de Comunicação, e entrar também no campo da

Pedagogia. Creio que isso é fundamental, porque se quisermos realmente criar novas funções, com alianças disciplinares, vamos ter que fazer essa ligação. Não poderemos resolver todos os problemas a partir somente da Comunicação como tem sido entendida até agora. Penso que o problema da criação de novas funções de comunicação tem que ser multidisciplinar. E aí, é preciso introduzir gente que pense a didática, e também que pense sobre pesquisa etnográfica. Isso, porém, implica uma mobilização real, e não será feito pela máquina. É por isso que os indivíduos me parecem tão importantes. Acho que é importante uma tomada de consciência por parte do professorado. No entanto, a maneira como vocês, na América Latina, colocam a relação entre educação e comunicação, me parece um passo de gigante. Pelo menos, na forma como se coloca o problema. Isso porque, como existem cada vez mais excluídos em nossas sociedades, não só no que diz respeito ao nível de vida, mas também ao acesso ao conhecimento, essa é a única maneira de lutar contra as lógicas profundamente mercantis em direção às quais vai nosso sistema de comunicação. A predominância da lógica mercantil é algo de dramático quando se pensa que nos foram anunciadas, com a Internet, as autopistas da informação, como maneira de retomar a Ágora, de resolver os desequilíbrios sociais. O discurso de Gore, em Buenos Aires, falava da possibilidade de resolver os problemas da falta de hospitais, da falta de escolas etc. E apenas três anos depois – porque agora o tempo é curto – nos dizem que o ideal para a

Internet é que ela seja um espaço comercial, digitalizado do mercado livre. É evidente, portanto, que por detrás dos discursos sobre a necessidade de se criar e formar usos educativos das novas tecnologias está a lógica dominante do comércio, do livre-câmbio, o livre-intercâmbio no nível comercial, a circulação das mercadorias.

---

**Essa problemática deve ser transformada em problemática cidadã. Porque se não, nunca poderemos reformar o sistema. Creio que vai ser um trabalho muito longo, mas me parece que é fundamental. Nada se auto-regulamentará. Isso é totalmente falso. A auto-regulação não se dá se não houver uma intervenção da cidadania, contra mais e mais interesse privado. O mercado é uma lógica segregativa, tanto no nível do acesso à educação, à cultura, como em outros campos.**

---



E se nós não reagirmos, definitivamente, ninguém vai reagir. E quando digo *nós*, falo dos componentes de uma sociedade civil; não imaginária, não ideal, mas as pessoas que têm interesse em defender a educação, a educação de seus filhos etc. É preciso tra-

balhar com os interesses privados das pessoas. Não podemos continuar aceitando sistemas de comunicação que oferecem temas tão pobres aos nossos filhos. Isso é um escândalo. Quando se é pai, quando se tem filhos, não se pode suportar essa situação.

**Resumo:** Em entrevista exclusiva à **Comunicação & Educação**, o professor Armand Mattelart, da Universidade Paris 8, relata sua experiência, na década de 80, à frente da missão de estudar e indicar propostas para um projeto de democratização ao acesso às tecnologias da informação e da comunicação. Fala de sua preocupação com o ensino de Comunicação e de seus livros que procuram contextualizar histórica e socialmente as diferentes correntes e tendências do pensamento comunicacional. Armand Mattelart discute a relação comunicação/educação, ressaltando a importância de se criar, nas escolas, um lugar para a atuação de pesquisadores oriundos da Comunicação que sejam capazes da prática pedagógica no espaço da Educação. Destaca ainda a importância de se questionar as lógicas mercantis e privadas que, cada vez mais, cerceiam o espaço público.

**Palavras-chave:** Armand Mattelart, espaço público, sociedade civil, democracia, tecnologia, informação, América Latina

**Abstract:** In an exclusive interview to **Comunicação & Educação**, professor Armand Mattelart, from the University of Paris 8, talks about his experience, in the 1980's, at the head of the mission of studying and indicating proposals for a project aimed at democratizing access to information and communication technologies. He talks about his concern on teaching Communications and about his books that aim at putting into context, historically and socially, the different lines and tendencies of the communicational thought. Armand Mattelart discusses the communication/education relation, stressing the importance of creating, in the schools, a place for Communication researchers to perform, researchers who be able to teach in the Educational space. He also emphasizes the importance of questioning the commercial and private logic that progressively sweep the public space.

**Key words:** Armand Mattelart, public space, civil society, democracy, technology, information, Latin America